



**Entrevista:  
Nair Benedicto**

**Paulo César Boni**

# Tinha tudo para dar errado! Por sorte, deu tudo certo

Everything seemed to went wrong. Luckily, it all went right!

Por: Paulo César Boni \*

Tinha tudo para dar errado! Jovem, estudante, casada, três filhos, Nair Benedicto foi presa e torturada. Passou nove meses encarcerada; os dois primeiros, incomunicável. Dividiu cela com a atual presidente Dilma Rousseff. O motivo da prisão, até hoje ela não sabe. Enquanto estava presa, a polícia entrava em sua casa e fazia guerra psicológica com seus filhos. Posta em liberdade, aos frangalhos, procurou acalmar os filhos, voltar aos estudos, retomar a vida. Graduou-se em 1972. Queria trabalhar com televisão, mas, para isso, precisava de um “atestado de bons antecedentes”, o que, como ex-presidiária, não conseguia.

Impedida de trabalhar em televisão, refugiou-se na fotografia. Poderia tornar-se uma pessoa revoltada e vingativa, com uma arma poderosa nas mãos: a fotografia. Em plena vigência do AI-5, poderia utilizar esta ferramenta para denunciar as atrocidades do regime militar, pois os censores não sabiam ler imagens. Poderia, mas não o fez. Decidiu tocar a vida, tentar esquecer o passado e pensar no futuro.

Decidiu, sim, fotografar e denunciar as manifestações culturais e as desigualdades sociais. Fez da fotografia um meio para atingir um fim: a justiça social. Tornou-se uma das mais respeitadas fotógrafas brasileiras, com projeção e respeito internacional. Tinha tudo para dar errado! Mas, ao contrário, para a sorte da fotografia e da sociedade, deu tudo certo.

---

\* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

*Nair Benedicto*



*Fotografia: Paulo César Boni (Maio de 2013)*

## Entrevista

**Paulo Boni** – Apesar de, até hoje, não conhecê-la pessoalmente, sei que você sempre foi uma espécie de ativista social, alguém que se expôs para defender causas sociais e classes menos favorecidas, como índios, mulheres e crianças economicamente exploradas. É isso mesmo? Você sempre foi ativista?

**Nair Benedicto** – Bom, na realidade, sou neta de quatro avós italianos, que vieram como imigrantes para o Brasil. Por conta disso, meus pais tiveram, vamos dizer assim, um olhar de imigrantes comprometidos, ou seja, estavam sempre ligados com essa questão das dificuldades dessas pessoas mais simples. Eu cresci em um ambiente com essas características. Nasci aqui mesmo, em São Paulo. Morava no bairro da Liberdade. Perto da nossa casa havia um jornal que não era propriamente comunista, mas era considerado um jornal transgressor e, de vez em quando, a polícia aparecia para apurar alguma denúncia de transgressão à ordem pública. E

quando polícia baixava lá era aquela correria, gente se escondendo, fugindo da repressão policial, pois eles, os policiais, não eram nem um pouco simpáticos na abordagem. Sempre me lembro dessas cenas, foi uma coisa que ficou na minha cabeça. Na época eu tinha quatro ou cinco anos de idade, mas me lembro perfeitamente bem da desarrumação da cama para acomodar mais crianças. Esses episódios são um *insight* de vida.

**Paulo Boni** – Esse momento a que você se refere, quando tinha quatro ou cinco anos de idade, coincide com o período final da Segunda Guerra Mundial?

**Nair Benedicto** – É isso mesmo, era o fim da Segunda Guerra Mundial. Pelas próprias circunstâncias, era um período com ambiente muito repressivo. Nesse momento, eu era muito pequena ainda, mas me lembro do desabastecimento, das filas para tudo, da perseguição aos imigrantes alemães, italianos e japoneses, das correrias, das quebradeiras. Depois veio 1964, o golpe, os militares no poder. Aí foi a gota d'água, não dava mais, não tinha jeito. A gente tinha que tomar partido, tinha que tentar reverter aquele estado de coisas.

**Paulo Boni** – Em 1964, você era uma jovem de 24 anos de idade. Nesse momento você era uma estudante universitária?

**Nair Benedicto** – Não, ainda não.

**Paulo Boni** – Quando se “engajou”, em 1964, você o fez mais pelas causas sociais ou pela liberdade de expressão?

**Nair Benedicto** – Pelos dois. Lutei por um Brasil melhor, por uma vida melhor. Eu ingressei como aluna da Universidade de São Paulo (USP) em 1967, mas, antes mesmo de entrar na faculdade, esse desejo já fazia parte da minha rotina de vida. Depois que entrei na USP, isto ficou ainda mais evidente, mais pulsante, mais rotineiro.

**Paulo Boni** – Você colou grau na USP em 1972, no curso de Comunicação Social – Habilitação Rádio e Televisão, certo?

**Nair Benedicto** – Isso mesmo. Antes de ingressar na USP eu fiz um ano de FAAP [Fundação Armando Álvares Penteado, instituição de ensino superior, de caráter filantrópico, fundada em 1947, na cidade de São Paulo], na época em que o Vilém Flusser<sup>1</sup> trabalhou lá. O Vilém Flusser era um pensador brilhante. Ele foi meio negligenciado durante sua estada no Brasil, mas, depois que foi embora, ganhou respeito e notoriedade, se tornou uma celebridade festejada no meio acadêmico. Seus livros passaram a vender muito e ele é uma referência acadêmica, inspiração filosófica. Mas, enfim, este ano na FAAP, apesar de haver sido apenas um ano, foi muito bom porque a literatura era muito forte e eu gostava muito de literatura. Quem dava aula de literatura era o Alexandre Barbosa, uma figura maravilhosa. Foi um momento muito bom de discussão literária. E tinha o Flusser, que virava nossa cabeça pelo avesso. Então, apesar de haver sido apenas um ano, foi muito bom, muito consistente, um ano que deixou marcas em minha vida. Em 1967, quando eu entrei na USP, o curso de comunicação era muito ruim e aí a gente começou a contestar tudo, o curso, os professores. Para discutir o curso, até promovemos um grande encontro de comunicação. Trouxemos o Rossellini e o Edgar Morin. Fizemos esse encontro absolutamente sem dinheiro, sem apoio oficial, sem nada. A gente simplesmente reuniu uma turma que estava interessada em discutir o currículo, o que era comunicação, os novos tempos, as novas tecnologias e metemos a mão na massa. Conversávamos pessoalmente com alguns convidados, ligávamos para outros, trouxemos muita gente interessante, praticamente não pagamos nada para ninguém. O encontro foi maravilhoso, muito bom mesmo, muito proveitoso. A USP tinha dessas coisas: às vezes era falha em algum ponto, mas sempre teve um espaço aberto à discussão. Tinha muito aluno que fugia dessas discussões, gente que não queria correr riscos, afinal estávamos no período da ditadura militar, do AI-5. Muita gente que mais

---

<sup>1</sup> Filósofo nascido em Praga (capital da República Tcheca, parte da antiga Tchecoslováquia), em 1920. Para fugir do nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para o Brasil, onde trabalhou como professor, jornalista e escritor por mais de 30 anos. Chegou, inclusive, a naturalizar-se brasileiro. Na década de 1970 voltou à sua cidade natal, onde faleceu em 1991.

tarde se enveredaria pela academia ou pela política estava lá, promovendo e participando de debates, como Jean Claude Bernadet, José Dirceu, Lauriberto Reis, Paulo de Tarso e tantos outros.

**Paulo Boni** – Bom, formada, você começou a trabalhar com jornalismo. Nesse momento, nós estávamos no auge do AI-5. Foi difícil trabalhar nesse período?

**Nair Benedicto** – Antes mesmo de me formar e de começar a trabalhar eu fui presa, fui presa política de 1969 a 1970. Durante o período de prisão eu ainda era estudante da USP. É interessante falar de prisão, porque as pessoas não imaginam o que era ser presa política durante a ditadura militar. Hoje, converso com muita gente e elas não imaginam o fato de eu ser casada, mãe de três filhos, estudante de jornalismo e ser presa. Para os militares e para os policiais civis eu era a aberração da aberração. Na realidade, aberração era a situação que o país vivia naquele momento. Nunca pertenci a nenhum grupo armado, eu sempre participei na área de comunicação, na área de apoio. Mas, para eles, era tudo a mesma coisa, eles não faziam distinção entre militantes e grupos armados; para eles, tudo tinha o mesmo peso. E o mesmo nome: comunistas! Assim, fui presa. Fui vítima de muita tortura, tortura muito violenta, foi um pesadelo.

[As antigas lembranças trouxeram desconforto à entrevistada. Nesse momento, passamos alguns minutos em silêncio até que ela se recompusesse. Quando ela estava novamente falante e sorridente, em razão da importância do assunto, indelicadamente, insisti em perguntas difíceis de serem respondidas.]

**Paulo Boni** – Quanto tempo você ficou presa?

**Nair Benedicto** – Eu fiquei presa nove meses, sendo que nos dois primeiros meses fiquei absolutamente incomunicável, quer dizer não via nada nem ninguém. Não vi meu marido, não vi minhas filhas, não vi sequer um advogado.

**Paulo Boni** – Você ficou presa no DOI-CODI [Departamento de Operações Internas / Centro de Operações e Defesas Internas]?

**Nair Benedicto** – Não. Fiquei presa no DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], ali no centro da cidade [São Paulo].

**Paulo Boni** – Li em algum lugar que você, inclusive, ficou presa junto com a hoje presidente Dilma Rousseff. Confere?

**Nair Benedicto** – É. Confere, sim. Mas isso foi depois. Eu não fui presa junto com a Dilma. Eu fiquei presa junto com ela depois que fui transferida para a Tiradentes. Quando eu estava na Tiradentes, a Dilma chegou. A gente, inclusive, chegou a ficar juntas na mesma cela.

**Paulo Boni** – Perdão, para eu me localizar, Tiradentes é?

**Nair Benedicto** – É o antigo Presídio Tiradentes, que hoje não existe mais. O prédio, que ficava na Avenida Tiradentes, foi demolido. Na realidade, do prédio só sobrou mesmo o portão, como uma espécie de monumento para a preservação da memória. Nesse caso, de triste memória. Os ex-presos políticos são bem organizados e fizeram muita coisa boa. Uma delas foi preservar o portão do presídio. Era ali que as mães, esposas e parentes dos presos ficavam esperando o horário de visitas. Elas levavam mantimentos, roupas e livros para os presos. Assim, para preservar a memória desse período da história de São Paulo, eles preservaram o portão. O prédio do DOPS, onde fiquei presa antes de ser transferida para o Presídio Tiradentes, foi transformado em memorial. Memorial da Resistência de São Paulo, uma espécie de Museu da Memória da ditadura no Brasil. Hoje ele é um dos museus mais visitados de São Paulo, pois do período da repressão militar existe pouca documentação disponível a respeito. Quando as escolas, públicas e privadas mandam seus alunos fazerem trabalhos sobre esse período, para fugir um pouco da mesmice da historiografia oficial, eles vão pesquisar no Memorial da Resistência de São Paulo.

**Paulo Boni** – Vamos começar a falar de fotografia, sem fugir de todo às agruras que você sofreu no período militar. Depois de solta, você colou grau e foi para o mercado de trabalho. Você teve problema com a censura, fotografias censuradas, não publicadas?

**Nair Benedicto** – Na realidade, os textos eram muitos mais censurados do que as fotografias. Se você pesquisar as imagens da época, verá que muitas fotografias fortes passaram pelo crivo da censura. Eu me lembro de uma fotografia que mostrava, em primeira página, o Congresso Nacional totalmente vazio, com a legenda do que seria uma importantediscussão. A gente sabia que era uma discussão porque estava escrito que se tratava de uma discussão, mas a fotografia denunciava a ausência total dos congressistas. Um plenário praticamente vazio não dizia nada para os censores e eles liberaram a publicação da fotografia. Então, as fotografias passavam com mais facilidades que os textos pelos censores, porque eu acho que eles não sabiam ver a informação na imagem.

**Paulo Boni** – Com isso, posso deduzir que você não teve grandes problemas de censura?

**Nair Benedicto** – Não, não tive. Vez ou outra uma fotografia era censurada, mas a maioria foi publicada sem problemas. Naquela época eu colaborava com o *Movimento*, um jornal alternativo que era do Raimundo Pereira, e *O São Paulo*, que era um semanário da Arquidiocese de São Paulo, um jornal da igreja católica. Essas publicações eram frequentemente censuradas, então, de vez em quando, alguma fotografia também acabava censurada.

**Paulo Boni** – Nessa época, *O São Paulo* era de responsabilidade do Dom Paulo Evaristo Arns?

**Nair Benedicto** – Sim. Já era o Dom Paulo.

**Paulo Boni** – Dom Paulo Evaristo Arns é uma pessoa por quem eu tenho muito respeito...

**Nair Benedicto** – Ele foi corajoso. É verdade que tudo que ele fez, Roma rapidamente desfez, mas, enfim, eu acho que a igreja católica teve um peso importante naquele período da história do país. Eu não sou religiosa, mas a igreja teve um papel importante, sim. Bom, é só você ver uma das minhas fotografias, sobre a greve do ABC, que foi capa do *O São Paulo*. Ela é nitidamente dentro da igreja, as assembleias aconteciam dentro da igreja, quer dizer a igreja abriu e ocupou um espaço importante de discussão sobre a política, os direitos humanos.

**Paulo Boni** – Profissional e financeiramente falando, você teve prejuízos com o regime militar?

**Nair Benedicto** – Eu tive prejuízos, sim. Primeiro porque fiquei nove meses presa. Segundo porque eu e minha família ficamos com resquícios horríveis dessa prisão e de suas torturas. Tortura física e psicológica comigo e tortura psicológica com meus filhos. Sabe lá o que é a polícia estar dentro da sua casa? O pessoal do DOPS, o Fleury<sup>2</sup> e companhia todos os dias falando para meus filhos que a mãe deles era terrorista, que o pai deles era terrorista? Meus filhos ficaram pirados. Minha filha mais velha começou a ter asma, crises horríveis de asma. Foi terrível! A prisão significou uma interrupção em minha vida e um período de terrorismo moral para mim e meus filhos. Quando saí da prisão, precisei retomar as coisas, voltar um pouco para dentro de casa, organizar a vida, para tentar reorganizar a cabeça das crianças.

**Paulo Boni** – Nesse momento você era apenas ativista, ainda não era fotógrafa, certo?

**Nair Benedicto** – Quando eu fui presa, eu estava na USP, ainda era estudante de comunicação e, naquele momento, estava mais voltada para fazer televisão que fotografia. Aliás, foi a prisão que me jogou para a fotografia.

---

<sup>2</sup>Sérgio Fernando Paranhos Fleury, delegado do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, de São Paulo, durante parte do período da ditadura militar no Brasil. Foi assassinado em Ithabela (SP) em 1979.

**Paulo Boni** – Opa! Então, por favor, fale sobre essa relação. Isso vai ser legal.

**Nair Benedicto** – Quando eu fazia rádio e televisão na USP eu pensava seriamente em trabalhar com televisão, queria ser *free-lance*, fazer minhas discussões em pequenos formatos, coisas de dez minutos em vídeo profissional, queria produzir e oferecer produtos televisivos, sem vínculo empregatício com ninguém. Estava encaminhando bem. Eu até havia feito uma viagem para pesquisar equipamentos. É justo dizer que, na época, era um pouco cedo demais pensar nisto, pois os equipamentos de televisão não eram bons. Equipamentos para levar para as ruas, além de não serem bons, eram muito pesados, muito caros. Mas eu nunca consegui trabalhar em televisão, mesmo tendo sido uma aluna com vários prêmios de roteiro na USP. O fato é que eu não consegui nada, porque, além de tudo, para trabalhar em televisão você tinha que apresentar o “raio” do atestado de boa conduta, cuja exigência era ilegal, totalmente ilegal, mas era exigido por todas as emissoras. Sem ele, você não permanecia em televisão alguma. Eu cheguei a ficar dois ou três meses, até teve uma porção de gente muito boa que fez de tudo para que eu ficasse, mas chegava uma hora em que alguém te falava que, a partir de amanhã, ou você apresenta o atestado de boa conduta, de bons antecedentes, ou está dispensado. Isso era totalmente ilegal, mas as pessoas faziam isso com a maior naturalidade. Trocando em miúdos, eu pensava em fazer na televisão tudo o que, mais tarde, em circunstâncias semelhantes, eu fiz com a fotografia.

**Paulo Boni** – O problema é que os ilegais estavam no poder. Os ilegais eram legais. Foi em razão desse impedimento, então, que você decidiu enveredar pela fotografia?

**Nair Benedicto** – Esse impedimento fez a fotografia aparecer como uma alternativa em minha vida. Vi na fotografia a possibilidade de trabalhar com o que eu queria, que era a imagem. Mesmo que eu encontrasse dificuldades para mostrar minhas fotografias, a possibilidade era maior, eu podia trabalhar independente, sem vínculos empregatícios.

**Paulo Boni** – Houve, de sua parte, qualquer motivação revanchista? Quero dizer, em algum momento você pensou: “Agora eu vou fotografar para me vingar, para complicar a vida dos que me prenderam?”

**Nair Benedicto** – Não.

**Paulo Boni** – Você foi na paz?

**Nair Benedicto** – Eu fui na paz. Inclusive porque para se vingar dessa pessoas, só matando mesmo, porque a raiva é muito grande. Aquilo era uma fábrica de doentes. Eu apanhei por que não era casada oficialmente, por ser estudante da USP e até porque não tinha barriga. Como uma mulher com três filhos não tem barriga? Eu fui torturada, fui para o pau-de-arara. Você olhava para aquelas pessoas e pensava: “Gente, quem são as mães desses homens?” Vários deles se masturbavam na minha frente, era uma cena inenarrável, de doentes mesmo. Eu poderia contar “n” coisas da época em que estive presa, mas uma das cenas que presenciei e mais me chocou foi a surra dada por uma mulher do escritório do Dops em uma menina recém-casada. O casal era do interior, gente muito simples, que decidiu passar a lua de mel na capital [São Paulo]. Como não tinham dinheiro, ficaram hospedados em um hotelzinho no centro da cidade. Acho que ela se chamava Maria e ele João, se não fosse Maria e João seria Pedro e Joana, isso pouco importava para os torturadores. Eles acabaram sendo presos como bandidos “altamente perigosos”, porque os policiais que os abordaram faziam perguntas sobre assuntos que eles não sabiam o que significavam e então eles riam. O que aconteceu com eles na prisão foi uma verdadeira história de terror. Na prisão havia uma mulher que trabalhava com a identificação dos presos, essa coisa de colher impressões digitais com tinta de almofada [uma espécie de caixa com tampo, provida de um forro interno de pano ou espuma, retentor de tinta, para a tintagem de carimbos]. Um dia ela não aguentou e pediu para ver a pessoa que seria torturada e acabou participando do processo de tortura. Ela pediu para interrogar a menina. Eu nunca vi uma pessoa voltar para a cela no estado em que essa menina veio: com a cabeça toda rachada, era um sangue só. Tinha rachaduras profundas, difícilimas de limpar. A mulher

deve ter tido um orgasmo atrás do outro batendo na menina daquele jeito, pois a coitada voltou para a cela um trapo humano. Motivar pessoas para torturar é doença mesmo. Aliás, no meu último livro, *Vi Ver*, escrevi algo que resume bem minha indignação e incredulidade com a prisão e o que vi lá dentro: “Sem dúvida, esse período foi marcante para tentar entender, até hoje, como é possível acontecer tanta estupidez, tanto horror sob o olhar indiferente da esmagadora maioria da população.”

**Paulo Boni** – Vamos mudar de assunto?

**Nair Benedicto** – Vamos. Vamos falar de fotografia.

**Paulo Boni** – Então, vamos lá! Como você avalia a fotografia brasileira hoje?

**Nair Benedicto** – Olha, a fotografia brasileira, assim como a literatura brasileira, passa por um momento de transição, um momento de transição no qual, mal se decodifica uma coisa, já tem outra para aprender. Mas, independente disso, a fotografia brasileira tem um vigor, diversidade, vida, uma força muito grande. Às vezes ela passa por discussões pontuais, como se o fotojornalismo está cumprindo seu papel. Ou aquela eterna discussão que eu nem gosto de tocar no assunto: se a fotografia é arte ou não é arte. Quando falamos em fotografia brasileira devemos pensar em sua amplitude e não afunilar a discussão para um lado ou para outro lado, ou seja, para particularidades da fotografia. Ela deve ser tratada como um todo, e não ficar discutindo se ela é contemporânea ou não é contemporânea, se é tratada ou se é manipulada. Acho que o grande mérito da fotografia brasileira é permitir a pluralidade de linguagens; existem várias linguagens na fotografia brasileira, das mais simples às mais sofisticadas. E a fotografia, hoje em dia, é também um importante suporte para várias outras artes.

Em 1991, Rubens Fernandes Junior, Marcos Santili, Stefania Brill, Roseli Nakagawa, Isabel Amado, Fausto Chermont, Eduardo Castanho, Juvenal Pereira, Eduardo Simões e eu fundamos o Núcleo dos Amigos da Fotografia, que ficou conhecido como NAFoto. Esse núcleo passou a

promover o Mês Internacional da Fotografia de São Paulo. Para aprender, ampliar e melhorar esse evento, fui várias vezes a Paris para participar do Mês Internacional da Fotografia, que, inclusive, foi a inspiração para criarmos o nosso evento. Em uma dessas vezes, tive a oportunidade de assistir uma conferência proferida por Charles Henry Favrod, diretor do Musée de L'Élysée de Fotografia de Lausanne que estava, naquele momento, formatando o acervo de fotografias do museu. Ele projetou umas 300 ou 400 fotografias, fez um breve relato de todos os autores das fotografias e discutiu cada uma delas. Citou como exemplo de diversidade da escolha um trabalho absolutamente onírico, de um fotógrafo que se deitava nos mais diversos lugares, depois se levantava e fotografava o que havia restado da permanência de seu corpo naquele local, no lençol, no sofá, na areia, na água. Na sequência, ele pegou o trabalho desse fotógrafo e comparou com uma fotografia que, na época, gerou uma discussão enorme. Não sei se você se lembra, a fotografia de um menino, acho que na Colômbia ou na Venezuela, um menino que ficou totalmente preso nos escombros, só o rosto dele ficou de fora...

**Paulo Boni** – Acho que sei, sim, de que fotografia você está falando. Ela está no livro *As 100 fotos do século*. Era uma menina, de nome Omayra, que ficou presa nos escombros de sua casa, destruída pelo vulcão Nevado del Ruiz, na Colômbia, em 1985. Sei desses dados todos porque uso essa fotografia em sala de aula. O olhar de resignação dessa menina me comove toda vez que olho para essa fotografia.

**Nair Benedicto** – Ele comprou essa fotografia para o museu. Explicou que um museu também tem que ser contemporâneo, tem que contemplar todas as possibilidades da fotografia. Deixou claro que não fazia divisões na fotografia, que olhava a fotografia como uma expressão que dava várias possibilidades. Eu acho que fotografia é isso, é uma coisa maravilhosa, que te dá “n” possibilidades de expressão e de interpretação. Às vezes, fico olhando pessoas que jamais fariam um desenho, mas estão lá com suas maquininhas procurando um jeito, escolhendo um ângulo, e acho isso simplesmente maravilhoso.

**Paulo Boni** – Um ângulo inusitado...

**Nair Benedicto** – Acho uma pena que, às vezes, a gente se prenda nessas caixinhas...

**Paulo Boni** – Não entendi o que você quis dizer com isso. Você está se referindo às câmeras digitais?

**Nair Benedicto** – Não falo das câmeras digitais, mas das definições a que a fotografia tem sido submetida inadvertidamente por pessoas que, às vezes, nem são da área.

**Paulo Boni** – Desculpe, mas continuo não entendendo nada...

**Nair Benedicto** – Outro dia me contaram que um pessoal da Bahia, um pessoal de fotógrafos, muito organizados e muito atuantes, começou a questionar por que nenhum deles nunca havia ganhado o Prêmio Pierre Verger de Fotografia, apesar de haver excelentes fotógrafos documentaristas na Bahia. Solicitaram, então, ao pessoal que promove o prêmio para que pusesse um fotógrafo na comissão julgadora. Quero deixar claro que eu não presenciei isso, apenas estou reproduzindo o que me contaram... Mas, enfim, o fotógrafo comentou que, automaticamente, o material documental não era nem aberto, nem visto, nem avaliado. Quando o fotógrafo fez esses comentários, o grupo – que tem a Isabel Gouveia, o Aristides Alves e outros bons fotógrafos – promoveu diversas reuniões para discutir o assunto e a Isabel Gouveia, uma fotógrafa que era tudo de bom em São Paulo e está na Bahia há mais de trinta anos, levantou no meio da discussão e falou: “Minha gente, estamos diante de uma situação em que se o próprio Pierre Verger se candidatassem ao prêmio que leva seu nome ele não seria premiado.” Foi uma boa tirada da Isabel, eu achei ótima. Enfim, acho que é uma bobagem tentar afunilar a fotografia. Por isso, eu concordo, continuo concordando com o Charles Henry Favrod: a grande qualidade da fotografia é possibilitar seu uso amplo, essa coisa democrática de usá-la como linguagem.

**Paulo Boni** – E o fotojornalismo, Nair? Você faz uma avaliação positiva do fotojornalismo ou acredita que ele perdeu parte de sua essência informativa?

**Nair Benedicto** – Na realidade, o que perdeu a essência foram os elementos da comunicação, o que perdeu a essência foram as revistas, os jornais. Muitas vezes você está vendo uma revista e não sabe onde começa a matéria e onde começa a publicidade... Na minha opinião, o fotojornalismo apenas acompanha a perda da essência dos produtos do jornalismo. Em alguns veículos o fotojornalismo é melhor e em outros é pior. Algumas vezes a *Folha de S.Paulo*, por exemplo, consegue dar dimensão às fotografias dos ótimos fotógrafos que tem. O *Estadão*, agora, através do caderno *Aliás*, a Mônica Zaratini tem feito uma excelente edição de fotografia. A *Veja*, por outro lado, já teve grandes fotógrafos, mas hoje está um nojo, de texto, de fotografia, não dá mais para ler. Então, eu acho que o que perdeu não foi a fotografia, propriamente dita, mas os meios de divulgação da fotografia.

**Paulo Boni** – Perdeu o jornalismo como um todo. E o jornalismo ainda está inserido em um contexto maior...

**Nair Benedicto** – Exatamente. O sambinha de uma nota só é lindo na Bossa Nova. Mas ter a mídia inteira falando, escrevendo, mostrando a mesma coisa...é triste!!! Felizmente, temos agora algumas inovações importantes como o *Le Monde Diplomatique-Brasil*, mensal e em português, sempre excelente; a revista *Piauí*, com seus longos textos e poucas ilustrações e fotografias; a *Carta Capital* e algumas publicações específicas de livrarias e dos Sesc... Infelizmente, porém, o público que tem acesso a esses veículos é infinitamente menor ao da mídia em geral.

**Paulo Boni** – Nair, você se sente recompensada pelo seu trabalho, por tudo o que produziu? Você acha que a sociedade, como um todo, reconhece e respeita o seu trabalho e valoriza você como fotografa?

**Nair Benedicto** – O Brasil é enorme e só recentemente tem obtido um pouco de lugar ao sol em algumas áreas. Não temos um Nobel de

literatura, apesar de termos Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e tantos outros. Se a Elza Soares fosse americana ela seria uma grande diva da música, mas, como é brasileira, aqui ela fica restrita a um público meio fechado, que gosta dela. Na fotografia tem o Sebastião Salgado, que é muito reconhecido, a Claudia Andujar, que, mais que uma excelente fotógrafa, é um exemplo de engajamento, a Maureen Bissiliat, o Evandro Teixeira. Mas temos inúmeros bons entre os antigos, como Geraldo de Barros, José Medeiros, Chico Albuquerque, Tomaz Farkas. E o pessoal mais recente como Eustáquio Neves, Tiago Santana, Paula Sampaio, Rosângela Rennó, Ed Viggiani, Elza Lima, Cássio Vasconcelos, Ana Carolina. É impossível lembrar de todos. São tantos!!! Na memória, busquei mais a diversidade de produção. Eu caminhei por vários caminhos, tudo que eu pensei fazer, fui fazendo. Eu fiz algumas das viagens que resolvi que ia fazer. Então, quero dizer, sempre achei que a gente pode; se a gente quer, a gente chega. Acho, que dentro dos limites, e pelo fato de o Brasil ser um país grande e não ter tradição, meu trabalho é conhecido e valorizado. O México, por exemplo, tem uma tradição muito forte em fotografia, o Peru, e até o pequenino Equador...

**Paulo Boni** – O Uruguai.

**Nair Benedicto** – O Uruguai, maravilhoso; a Argentina, maravilhosa. Eu acho que o Brasil, sempre pelo tamanho, pelas dificuldades, por ter uma classe média pouco participativa, sempre por este elitismo constante nas classes mais favorecidas que o está dominando, ainda não tem uma tradição forte em fotografia, mas está caminhando para isso. Eu acho que todos nós fomos um pouco prejudicados pela falta de uma visão mais ampla de nosso trabalho, mas, dentro de todas essas limitações, acho que o meu trabalho, em particular, conseguiu ser visto, ser mostrado e respeitado.

**Paulo Boni** – E você? Você se sente realizada com o seu trabalho? Vou tentar ser mais didático: você sempre fotografou classes desprivilegiadas; você fazia isso como um meio para atingir um fim? Esses fins foram alcançados? O país mudou para melhor?

**Nair Benedicto** – Eu acho que sim. Eu não acho que uma fotografia possa modificar o mundo, mas ela tem uma força de expressão muito grande. Ou seja, ela pode ser usada como uma ferramenta, um instrumento capaz de provocar mudanças. Ela emociona e é didática. Poderia ser amplamente usada na educação. A gente melhorou, e podemos melhorar muito mais. Acho que a gente tinha uma expectativa de mudança quando uma pessoa mais ligada aos movimentos populares foi eleita presidente. Ingenuamente, havia uma expectativa de que poderia acontecer uma “revolução”, mas esquecemos que existem forças poderosas que se articulam para impedir as revoluções que o Brasil e o mundo precisam. Nos Estados Unidos, na Europa, e aqui. Hoje, quando penso que, sem reforma política, qualquer presidente eleito aqui continuará a ter que fazer alianças espúrias para governar, dá um certo desânimo. Ou seja, ainda temos muito trabalho pela frente.

**Paulo Boni** – E pelo jeito, isso vai longe...

**Nair Benedicto** – O exemplo do Allende<sup>3</sup>, no Chile, antes da experiência brasileira, foi um marco. Apesar de legalmente eleito pelo povo, terminou por se matar, sem outra opção. As pessoas vêm a Rede Globo e acham que aquilo tudo que ela fala é verdade. Ela é poderosa! A mídia é poderosa! É muito difícil saber das entrelinhas.

**Paulo Boni** – Isso é uma frustração para você?

**Nair Benedicto** – Uma de minhas frustrações, ocorrida na década de 80, foi não conseguir viabilizar um projeto pelo qual eu batalhei muito: uma discussão sobre as igrejas no Brasil. Nessa época, eu estava indo muito para o interior, para a Amazônia, principalmente, e em cada povoado que eu chegava eu encontrava uma igreja diferente, de nome desconhecido, que eu nunca havia ouvido falar. Isso me intrigou muito e elaborei um projeto de documentação fotográfica para discutir a proliferação dessas

<sup>3</sup> A entrevistada refere-se a Salvador Allende, presidente do Chile, deposto e assassinado por um golpe militar, em 11 de setembro de 1973, que alçou o general Augusto Pinochet ao poder.

igrejas. Até porque eu havia lido um livro muito interessante, chamado *Os demônios vem do Norte*, que narrava a experiência de igrejas no contexto social da Guatemala. Mas eu não consegui sensibilizar patrocinadores para desenvolver esse projeto. Mais que isso, além da questão puramente econômica, senti que eu precisava ter um respaldo...

**Paulo Boni** – Institucional?

**Nair Benedicto** – Institucional, exatamente. Então, foi uma das poucas coisas que eu queria fazer e não fiz. Formatei o projeto, andei com ele por vários lugares, mas não consegui ajuda, patrocínio, nada. Hoje, essas igrejas ganharam uma dimensão incalculável, elas estão por toda a parte e têm, inclusive, força no Congresso Nacional.

**Paulo Boni** – Bom, Nair, como futebol e religião são discussões intermináveis, sugiro voltarmos a falar de fotografia.

**Nair Benedicto** – Concordo plenamente.

**Paulo Boni** – Você tem fotografias expostas em alguns importantes museus, entre eles o MoMA [Museum of Modern Art] de Nova Iorque...

**Nair Benedicto** – A história do MoMA é fantástica. Foi o primeiro trabalho independente que eu fiz. Foi um momento curioso. Um momento em que eu ouvia muitas pessoas das classes media e alta reclamando da quantidade de nordestinos em São Paulo. Eu comecei a pensar: quem são esses nordestinos e o quê eles fazem aqui? Sai por ai... alguém me falou do forró e cheguei no Forró do Mário Zan, no Jabaquara. Fiquei deslumbrada com o que vi: a paixão, a cumplicidade, o prazer da dança. Não havia homem se aproveitando das mulheres, todos estavam muito felizes, as mulheres também se “enganchavam” nos homens. Eu fotografei e resolvi fazer uma exposição ali mesmo, no local do forró. Montei a exposição com as fotografias penduradas em barbante, uma simplicidade que condizia com o ambiente e seus frequentadores. Na época, John Szarkowsky, diretor do MoMA que estava em São Paulo, apareceu por lá para ver a exposição. Nem sei

quem falou para ele da exposição, o fato é que ele baixou lá no forró, gostou e comprou o ensaio. Então foi assim, de repente, o MoMA invadiu minha praia... A fotografia do ensaio que eles mais mostram é aquela do “chupão”, na qual um homem está dando uma chupada-beijo no pescoço de sua parceira de forró.

**Paulo Boni** – Mais algum?

**Nair Benedicto** – O Smithsonian, de Washington, tem fotografias minhas feitas na Amazônia. Aqui no Brasil, tenho fotografias em vários museus.

**Paulo Boni** – Com mil desculpas – e aceitando o silêncio como resposta –, vou fazer uma pergunta de caráter pessoal: você continua vivendo de fotografia, ou seja, a fotografia é sua única fonte de renda?

**Nair Benedicto** – Sim, a fotografia é minha principal fonte de renda. Você já viu o livro *Vi Ver*?

**Paulo Boni** – Ainda não. Só li a crítica por ocasião do lançamento.

**Nair Benedicto** – O livro *Vi Ver* foi assim: comecei a olhar o material que tenho e vi que na Amazônia, por exemplo, eu havia fotografado o início de muitas cidades. Então, pensei: “Esse material não pode ficar perdido na minha gaveta, isso é história do Brasil.” Separei esse e outros materiais e produzimos um livro, que teve uma repercussão incrível, o livro tem fotografias que nunca foram publicadas. As pessoas ficam conhecendo as fotografias e compram para ter, para expor, para decorar...

**Paulo Boni** – Vou participar desse processo. Passarei pela Livraria Cultura e comprarei um exemplar do livro...

**Nair Benedicto** – A Livraria Cultura foi maravilhosa. Por ocasião do lançamento, ela o colocou em uma vitrine especial. Vendeu tudo em poucos dias, pois o livro é uma ótima opção para presente. Livraria é assim, não te dá dinheiro, mas dá muita visibilidade, aumentando a possibilidade de venda do seu trabalho.

**Paulo Boni** – Tem algo de importante que eu tenha esquecido e você jamais me perdoará por não ter perguntado?

**Nair Benedicto** – Não. Está tudo bem. Tudo na vida é importante. Aliás, as amizades são importantes, e para selar a nossa, que começou hoje, vou te dar um exemplar do *Vi Ver* de presente.

**Paulo Boni** – Obrigado. Adorei o presente. Para encerrar, que tal Nair Benedicto por Nair Benedicto?

**Nair Benedicto** – Uma pessoa de bem com a vida. No livro *Vi Ver* escrevi alguma coisa a meu respeito. Lá estão minha trajetória como profissional da fotografia, meus amigos, meus filhos, meus problemas, minhas alegrias. O texto é rápido, uma coletânea de “passagens”. Eu não queria simplesmente um texto, afinal um monte de gente legal já escreveu a meu respeito, entre eles Pedro Vasquez e Rubens Fernandes Júnior. Também não queria ficar discutindo se a minha fotografia é clássica ou não é clássica, se é contemporânea ou se não é contemporânea, se eu sou uma fotógrafa documentarista ou não. Eu não sei, eu conto histórias, entendeu? Então tem vários textos curtos que são gostosos de ler, que dá para ler rápido e que dão um panorama sobre eu e minhas questões. Mas eu gostaria de ressaltar duas coisas que não estão no livro. Primeira, uma frase da poetisa mineira Adélia Prado: “O universal está no meu quintal.” Lembro isso porque as pessoas pensam que, para fazer alguma coisa boa, você tem que ir não sei onde. Não é bem assim: você pode fazer coisas ótimas em seu próprio espaço. Segunda, ter coragem de enfrentar as adversidades e ter muita persistência. Não desistir nunca de seus objetivos e de seus sonhos. Procurei condensar essas virtudes e dicas em um *workshop* que ministro de vez em quando, cujo nome é “Eu não desisto de mim.”

**Paulo Boni** – Nair, parabéns pela sua história e pelo seu trabalho. Muito obrigado por haver me recebido e pela sinceridade da entrevista. Que tal mais um café?

**Nair Benedicto** – É pra já!